



# A OBRA DE RUY PÓVOAS: PERCURSO EDITORIAL

Maria Luísa  
Nora<sup>1</sup>

**R**uy é meu amigo, meu guru, pessoa por quem tenho apreço, gratidão e um enorme respeito. Tive o prazer de acompanhar, a partir de 1996, o seu caminho editorial e, nesse percurso, também as temáticas por ele discutidas. A minha condição de diretora da Editus/UESC, me oportunizou também o contato mais próximo com a sua obra.

[1] Professora do DFCH - Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESC. Membro das Academias de Letras de Ilhéus e Itabuna (BA). *E-mail*: editus@uesc.br



Foto 52: acervo Ilê Axé Ijexá

Ruy iniciou sua vida de escritor com duas monografias escritas em 1977. Na época, as monografias eram requisitos necessários à obtenção do cargo de professor assistente e titular da então Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI – as quais tiveram respectivamente, os títulos: *Jogo de palavras na publicidade* e *A lín-*

*gua portuguesa falada nos candomblés da Bahia*. Sobre essa segunda monografia, é importante registrar que Ruy recebeu uma carta enviada pelo Pejigan Marcus Valério de Albacrat, fiel do candomblé, que dizia: “[...] fico eu, em Salvador, na capital do império do candomblé, cuja língua você acaba de redescobrir. Que felicidade senti-

mos nessa revelação: existimos, temos uma língua nossa, falamos!”. Esse fragmento de carta revelava, no nosso entendimento, o quão inédito era o tema e o quanto isso era importante para o povo do candomblé.

Abro parêntesis para dizer que, antes disso, em 1970, Ruy começou a publicar em jornais, como o LEIA, editado

por Agnísio Marques de Souza, e o jornal *Shopping news*, de Nelito Carvalho, ambos jornais com sede em Itabuna.

Em 1983, inicia a publicação de livros. O primeiro foi o de poesias, *Vocabulário da Paixão*, publicado pela FESPI/CE-PLAC. Seu segundo livro foi produto de sua dissertação de mestrado: *A linguagem do candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa*, publicado pela José Olímpio Editora, em 1989, com o apoio cultural do PACCE – Projeto

de Atividades Culturais do Cau. Este livro recebeu o Prêmio Xavier Marques, da Academia de Letras da Bahia,

Ruy cria o Kàwé, em 1996, juntamente com um grupo de abnegados, como Marialda Silveira, Consuelo Oliveira, Elias Lins Guimarães, Maria Laura Gomes, que sonharam e deram um impulso muito grande às publicações da Editus, a editora da UESC, pois a produção deste Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais foi sempre muito consistente e rica.



Foto 53: acervo Editus

Itabuna, 23/10/85

Com Ruy Póvoas,

Gostei de seu "Vocabulário de Paixão". Linguagem simples, precisa até, mas com gosto de significado. Parabéns!

---

Se quem os versos que se lêem me inspirou, em Ameyo,

Cyro de Mattos

Vocabulário de Ruy Póvoas

Cyro de Mattos

Gemer  
a dor do mundo  
fácil na dicção

Ser  
ingênuo no enigma  
crítico pelos desvios

---

No peito  
a África inteira  
tambor de solidão

Bruxo  
nas encruzadas  
sobrepondo-se à razão

Ai  
tempo que consome  
essa flor no coração

Foto 54: acervo Ruy Póvoas



Três livros de Ruy abordam os *itan*, as histórias do sistema oracular nagô, o *Itan dos mais velhos* que foi publicado pela Edi-

**Nessa obra, tudo tem a ver, e a costura ocorre durante todo o tempo, tudo é tão bem feito que o avesso pode ser admirado. Quando Maria Betânia canta “o importante no bordado é o avesso; o importante em mim é o que eu não conheço, o que eu não conheço”, parece se referir a este livro!**

tora BDA e pela Editus, entre 1996 e 2004. *A fala do santo*, de 2002, e *Itan de boca a ouvido*, de 2004. Os livros trazem histórias ancestrais, herança da sabedoria dos escravos que viveram no Brasil, especialmente na Bahia. Estas histórias fazem parte da tradição

oral e encerram sempre um ensinamento, uma lição de vida.

*VersoReverso*, de 2003, é de poesias e muito original, inclusive na sua concepção gráfica que permite com que seja lido num movimento do início para o final e vice versa.

Em 2010, Ruy entrega ao público *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*. Para mim, é um clássico, uma obra prima. Para conhecer melhor a cultura negra, as religiões de matriz africana, no caso, o candomblé, há que passar por ele.

Neste livro, ensaístico, ele aborda os arquétipos e as figuras arquetípicas que nos constroem; a vida nos terreiros; o sentimento de vitimação que tentaram impor ao povo negro; o respeito pelos mais-velhos cultivado pelo povo de santo; o jogo do ifá e sua complexidade; o quarto de consulta nagô e as terapias da tradição afro-brasileira; o significado da dança para os orixás e tantos outros simbolismos; os tipos de escravidão ainda hoje enfrentados pelo negro e os preconceitos a que estão submetidos.

Em 2011, surge *A memória do feminino no candomblé – tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro*. O livro é todo harmonioso com o títu-



lo que traz. Os capítulos revelam uma costura, conforme pode ser observado nas expressões que lhes nominam: roteiro do entrelace, arrumando o tear; a mãe e o feminino tecem as peças, o tecido depois de pronto.

Nessa obra, tudo tem a ver, e a costura ocorre durante todo o tempo, tudo é tão bem feito que o avesso pode ser admirado. Quando Maria Betânia canta “o importante no bordado é o avesso; o importante em mim é o que eu não conheço, o que eu não conheço”, parece se referir a este livro! Aliás, o povo do candomblé tem mistérios e fala com o silêncio, como percebeu Marialda Silveira, que para ler sobre ele e compreender sua fala, foi necessário acessar as entrelinhas.



Em 2013 é a vez do lançamento de *Mejigã e o contexto da escravidão*, o único em que ele é organizador, além de um dos autores. Os outros autores são: André Rosa Ribeiro, Arléo Barbosa, Flávio Gonçalves dos Santos, Ivaneide Almeida da Silva, Kátia Vinhático, Consuelo Oliveira Santos, Marialda Jovita Silveira, Mary Ann Mahony e Teresinha Marcis.

Reitero o que escrevi sobre este livro, em sua apresentação. Ele preserva a memória e a história e serve para fortalecer um sentimento de pertença. Com ele os descendentes da África mãe podem dizer:

Este é o meu povo, esta é a minha terra, estes são meus irmãos. Todos nós sabemos pelo que passamos, mas também sabemos a força que tiveram os nossos ancestrais. Através deles nos foram proporcionadas as oportunidades de poder, com orgulho, abraçar o sentimento de pertencimento e a consciência das raízes que nos sustentam, que nos oferecem chão<sup>2</sup>.

A obra *Mejigã* me lembra Jorge Amado, talvez o mais humanista dentre nossos escritores, para quem das três etnias que nos formaram, a negra foi a que nos salvou da tristeza. Só mesmo muita força moral,

emocional e mental para, após tanto sofrimento, o negro trazer de dentro a alegria que esteve guardada. E, após tanta desvalorização, saber o quanto a sua autoestima e a sua auto-imagem estão preservadas e estão sendo rerepresentadas ao mundo.

Para finalizar, me reporto às revistas que contaram com a participação de Ruy, como autor ou coordenador. As re-

[2] PÓVOAS, R. do Carmo. **A memória do feminino no candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro**. Ilhéus: Editus, 2010.

vistas FESPI, inicialmente coordenadas por Dinalva Melo e por Margarida Cordeiro Fahel, com as quais ele colaborou e que as considero de grande qualidade. As revistas trazem textos de Maria de Lourdes Simões, Francolino Neto, Enilda Lordelo, Litza Câmera, Cyro de Mattos, Telmo Padilha, José Haroldo, Castro Vieira, Atenildes Moreau, Flávio Simões, Jorge Amado e Adonias Filho.

Das revistas seguintes, ele foi coordenador e escritor: o *Caderno Kãwé*, iniciado em 1997; a *Revista Kãwé* cujo número 1 foi de 2002; a *Revista Kãwé Pesquisa*, também de 2002. Em 1998, numa parceria com a professora Margarida Cordeiro Fahel, fundou a *Especiaria, Revista da UESC*.

Como podemos perceber devemos muito a Ruy Póvoas. Ele está entre os escritores brasileiros com mais abordagens voltadas à cultura negra. É como ele mesmo diz: “Eu e a UESC abraçamos

o tema antes dele ser ou estar na moda.”

Vale registrar que a UESC lançou os livros de Ruy na Universidade, mas também no terceiro, espaço em que talvez, à época, tenham ocorrido poucos lançamentos no país. E como foi bom ter sido também ali, com o povo de santo, e sua hospitalidade, seu carinho e conhecimento de tantos assuntos que ainda estamos por apren-

der. Aprendizado, aliás, que precisaremos contar sempre com a inestimável ajuda de Ruy.

Presentemente, Ruy já encaminhou à Editus mais uma de suas produções. Desta feita, ele revisita o território da literatura, com o livro *Fazenda de conto*. Enquanto isso, ele mergulha na produção de *A viagem de Orixalá*, obra voltada para a cultura dos terreiros.

Itabuna, 26 de março de 1985

Caro e dileto  
Irmão, Rui.

Foi um dos momentos felizes, inspiradores, em que tive a oportunidade de ver o seu "retrato" de todo, redivivo. "Vocabulário da Paixão".

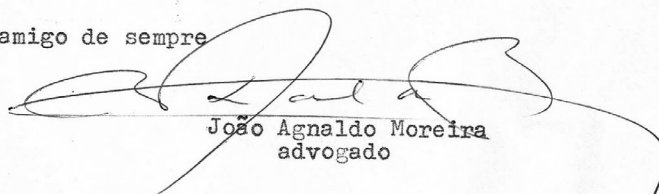
Obra escrita com seriedade, com amor, garra, porque não dizer, com sangue?

Somente quem não vive o dia a dia, par e passo - com você pode dar interpretação ao contrário, versa, seu mais profundo sentimento e da sua visão global da vida em si como um todo.

Do ponto de vista literário, embora usando uma terminologia de alcance, não foge a regra clássica por excelência, mesmo porque, deve-se ter em evidência, que não somente no mundo científico, técnico, bem como o literário, a linguagem não é estática e sim dinâmica, acompanhando, sem dúvida alguma a evolução do homem em sua trajetória sócio-cultural. Portanto, a visão panorâmica da obra é deveras envolvida nesta sistemática.

Era o que estava dentro de mim, na minha forma de sentir e de ver as maravilhas que eu vivi e continuo vivendo em tudo quando cria.

Seu amigo de sempre



João Agnaldo Moreira  
advogado

Foto 57: acervo Ruy Póvoas



13/10/89

O que significa, para uma Universidade, o lançamento de um livro escrito por um de seus professores?

Lançar um livro - e um livro como este! - é gritar para esta Nação inteira que nós estamos aqui, que nós existimos e temos muito, mas muito mesmo, o que oferecer à verdadeira história da consciência de nossa nacionalidade brasileira.

Quanto a falar de Rui, meu Deus, como é difícil e ao mesmo tempo consórgo - só dizer deste menino que a gente viu crescer, que a gente tocou com a ponta dos dedos, ainda que tão de leve, tão distante quase!!!

!!! Rui que é música  
!!! Rui cuja risada a gente ouve à distância, mas é desses homens raros que fazem a mágica linda de esta risada não ser risada, mas sinfonia do sorriso, da graça que não é o risível mas o "crescendo" harmonioso desta graça de ser Rui, o que sonha, o que constrói, o que cria, o que levanta e nunca, jamais, o que cai.

!!! Rui, aquele garoto magricela e de camiseta rala, labutando o seu destino!!! seu destino de santo para nos santificar!!!

Ah, Rui, tua voz, este milagre íntimo que ultrapassa a palavra e nos traz esse som distante e ao mesmo tempo tão presente de raízes, de flor, esse leito de semente que enriquece, alimenta e alegra a alma e o sangue da gente, tua voz é redenção!!! é memória e profecia!!!  
!!! Rui, filho muito querido, meu pai e meu irmão, céu e terra de onde e de que sou, tu, nave de Deus na Existência, estejas sempre entre nós!!!

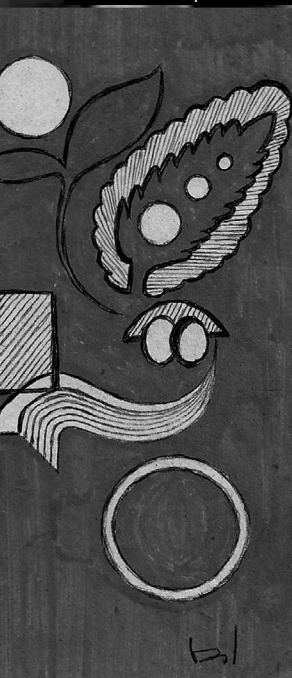
!!! Rui, tu que afirmas, que provas a Esperança, o Espírito e a Fé de nossa presença aqui, nós te abençoamos e pedimos a graça de tua bênção!!!

Rui, a gente te ama!

Rui, eu te amo! ✓



Foto 58: do livro Expressão Poética de Valdelice Pinheiro, Editus, Ilhéus, BA, 2007



Ao querido Rui,  
um momento de tran-  
quila alegria,  
Com amor,  
Um beijo,

✓

23.3.85

Foto 59: acervo Ruy Póvoas